

1

Introdução

... si dans le monde naturaliste de la modernité un sujet est un objet insuffisamment analysé, la convention épistémologique amérindienne suit le principe inverse; l'objet est un sujet incomplètement interprété. Ici, il faut savoir personnifier, car il faut personnifier pour savoir. L'objet de l'interprétation est la contre-interprétation de l'objet.

Eduardo Viveiros de Castro, *Métaphysiques Cannibales*

Não há uma obra de Gilles Deleuze, incluindo os livros monográficos e os com Félix Guattari), dedicada especialmente ao conceito de perspectivismo. Entretanto, este conceito perpassa toda a sua filosofia, inicialmente como um conceito retirado do pensamento de Leibniz e Nietzsche, mas em seguida agenciado com problemas filosóficos próprios. Assim, o perspectivismo deste ganha novos contornos, novas possibilidades de pensamento, não sendo mais um conceito puramente leibniziano ou nietzschiano, e sim uma assemblage, ou seja, uma teoria fluida, híbrida e viva, de múltiplas funções, que não está designada para atuar de modo único em espaços exclusivos, encaixando-se das mais variadas formas (ou deformações) nas diversas questões de sua filosofia. Ou seja, de certa maneira, de um jeito ou de outro, rizomaticamente, o perspectivismo acompanhará Deleuze em boa parte de sua obra. Enfim, o conceito será uma das mais afiadas conexões em sua máquina de guerra contra uma forma de pensar-estado.

Neste trabalho, analisaremos como o perspectivismo funcionou em três momentos da obra de Deleuze, a saber:

a) Ontologia deleuziana

Diferença e Repetição, de 1968, é considerado o grande livro-tese de Deleuze. Para muitos comentadores, o livro inclui toda a ontologia deleuziana. Tudo o que este autor escreveu antes foi como preparação teórica e tudo depois foi como desdobramento, sendo os livros em parceria com o psicanalista Félix Guattari encontros militantes. Entre os diversos livros ditos preparatórios - as várias obras dos primeiros anos de produção acadêmica em que Deleuze se

agencia com alguns pensadores - sublinhamos aqui, para o tema abordado, especialmente os livros sobre Nietzsche, *Nietzsche e a Filosofia*, lançado em 1962, e Spinoza, *Spinoza e o problema da Expressão*, de 1968 (o conceito de expressão terá forte relação com o perspectivismo). Estes são fundamentais para entender sua metafísica, mas devemos incluir aqui o conceito de perspectivismo tal como abordado em *Diferença e Repetição* e também em *Lógica do Sentido*, de 1969. Nesta primeira fase, o conceito está fortemente amparado em Leibniz e Nietzsche, mas com forte visada nietzschiana.

b) Perspectivismo do tempo

Em *Diferença e Repetição* (primeira parte da pesquisa, acima), extrairemos uma ontologia deleuziana na qual o conceito de perspectivismo encaixa-se de forma ortodoxa, sem grandes variações do pensamento de Nietzsche e Leibniz. Nós apenas encontraríamos - eis um dos objetivos da presente pesquisa e que inaugura um segundo momento desta - um novo conceito de perspectivismo em Deleuze em seus livros-solo sobre arte lançados após *Mil Platôs* (com Guattari, em 1980): *A Lógica da Sensação* – 1981- e *Cinema I e II* (respectivamente 1983 e 1985) e seus cursos preparatórios em Paris VIII. Aqui, Deleuze, fortemente influenciado por Nietzsche e por Bergson e pelas artes plásticas, desenvolve um “perspectivismo do tempo”, termo cunhado por ele e que paradoxalmente explora um perspectivismo não-espacial, contrariando toda a tradição do termo¹. Claro está que, por falta de literatura secundária, uma vez que os comentadores até aqui não aprofundaram-se no tema, esta é a parte mais difícil, porém talvez mais instigante do presente trabalho.

c) Variações e ponto de vista

Finalmente, trataremos de um último momento, em que Deleuze dedicará mais tempo à noção (se compararmos com os dois anteriores), e desenvolverá o seu mais completo conceito de perspectivismo (englobando as duas fases anteriores) através de uma nova leitura de Leibniz. O livro a ser explorado aqui

¹ A tradição aqui refere-se às artes plásticas, onde o conceito surgiu, ganhando depois as ciências e finalmente a filosofia.

será *A Dobra - Leibniz e o Barroco*, de 1988, seu último grande livro-solo, e seus cursos preparatórios sobre aquele filósofo, de 1980 e 1986/87. Se, no primeiro momento (*Diferença e Repetição*), Deleuze interpreta Leibniz de uma forma mais ortodoxa, agora ele buscará novos caminhos e novas possibilidades no pensamento do filósofo alemão. É em *A Dobra* que Deleuze escreve: “...o perspectivismo como verdade da relatividade (e não relatividade do verdadeiro)... a ideia leibniziana do ponto de vista como segredo das coisas” (p. 43). O perspectivismo deleuziano deixa de ser apenas um conceito importante para entender seu pensamento e passa a ser parte fundamental de sua ontologia. Tentaremos articular aqui os conceitos barrocos de variação e ponto de vista.

Passemos, portanto, às três seções propostas acima.